

CÂNCER UTERINO: SABERES E AS PRÁTICAS DE MULHERES QUILOMBOLAS

Cláudio Moraes
Fotos: Pesquisador



Pesquisa identifica barreiras e fatores facilitadores no acesso aos serviços de saúde.

O câncer do colo do útero é uma condição crônica evitável, mas ainda comum entre mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, especialmente nas comunidades quilombolas. A carência de acesso aos serviços de saúde e o desconhecimento sobre prevenção e diagnóstico precoce contribuem para a elevada incidência da doença.

Nesse contexto, a pesquisadora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Sabrina Maciel da Costa, desenvolveu o projeto "Os saberes e as práticas de mulheres quilombolas sobre o câncer cérvico-uterino na atenção primária à saúde". Ele buscou identificar barreiras e fatores facilitadores no acesso aos serviços de saúde.

O trabalho foi premiado em terceiro lugar no Congresso Cuidar de Todos (Eixo Educação na Saúde), promovido pela Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão (ESP/MA) e contou, ainda, com a participação de Santiago da

Conceição, Andreia Oliveira, Antonio Rosa Neto, Gisane Romão da Silva e Rosângela Almeida

Trata-se de um estudo exploratório, aprovado pelo parecer n.º 6.681.242, com abordagem qualitativa, fundamentado pelo *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 32 mulheres quilombolas do município de Colinas do Maranhão. Os dados foram analisados com o *software* IRaMuTeQ, utilizando a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para identificar padrões temáticos.

As participantes tinham entre 30 e 49 anos (43,75%), estavam casadas ou em união estável (59,37%) e se autodeclararam pretas (56,25%). Em relação à escolaridade, possuíam ensino médio completo ou superior incompleto (37,50%).

A análise revelou três categorias principais: conhecimento sobre o câncer cervical, indicando

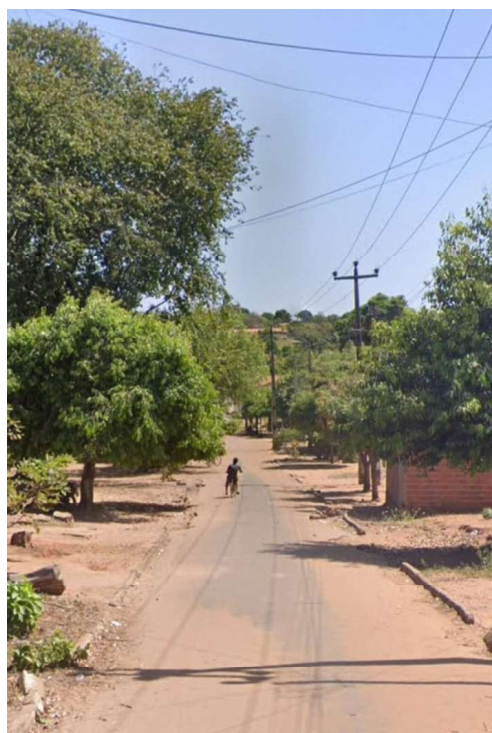
um entendimento superficial da doença; prevenção, destacando a realização do exame de Papanicolaou e vacinação contra o HPV; e autocuidado, com práticas tradicionais como uso de chás e garrafadas. O medo, vergonha e falta de informação adequada foram identificados como obstáculos.

"Embora as mulheres quilombolas possuam um conhecimento empírico sobre o câncer do colo do

útero, demonstram interesse na adoção de medidas preventivas", relatou Sabrina da Costa. "A educação em saúde, respeitando as especificidades culturais dessas comunidades, é fundamental para ampliar o acesso à prevenção e aos serviços diagnósticos", acrescentou. "O fortalecimento da Atenção Primária à Saúde pode contribuir para reduzir a incidência da doença e melhorar a qualidade de vida dessas mulheres no Maranhão", concluiu.



Local da pesquisa: Quilombo Cambirimba, em Colinas do Maranhão





Sabrina Maciel da Costa

Cursa Enfermagem (Universidade Estadual do Maranhão/UEMA/Caxias). Na instituição, integra o Grupo de Pesquisa de Abordagem Translacional do Papilomavírus Humano e a Liga Acadêmica de Educação e Saúde. É voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Extensão 2023-2025 e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação 2024-2025 (PIBITI-UEMA).



Andreia Nunes Almeida Oliveira

Mestranda em Saúde da Família pelo PROFSAÚDE, com especializações em Saúde da Família; Saúde Mental; Preceptoria e Cuidados Paliativos na Atenção Primária à Saúde. Graduada em Enfermagem (UNINOVAFAPÍ (2006).

Atuou como preceptora no curso de Enfermagem e na Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela UEMA Campus Caxias e pela UniFacema. Possui experiência na Estratégia Saúde da Família (ESF), onde também exerceu a função de coordenadora dos Programas da Equipe eMulti, Saúde da Criança, Saúde da Mulher e Condições Crônicas no município de Caxias (MA). Atuou como referência técnica do programa municipal de controle da tuberculose na vigilância epidemiológica. Foi tutora de unidade laboratório da Planificação da Atenção à Saúde pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) e atua como analista do PlanificaSUS pela Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein (SBIBAE). Exerce a função de facilitadora da Planificação por meio da Beneficência Portuguesa (BP). Com experiência em assistência e gestão, atua na consultoria em saúde.



Santiago Augusto da Conceição

Acadêmico de Enfermagem (UEMA/Colinas).



Gisane Romão Borges da Silva

Cursa Mestrado Profissional em Saúde da Família na UEMA Campus Caxias com graduação em Medicina (UNICEUMA). Especialista em Medicina de Família e Comunidade pela Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC). Tutora no Programa Médicos Pelo Brasil pela Agência Brasileira de Apoio à Gestão do SUS.



Rosângela Nunes Almeida

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e mestre em Biodiversidade, Ambiente e Saúde pela UEMA, onde se graduou em Enfermagem e onde exerce a docência na graduação e no Mestrado Profissional em Saúde da Família (PROFSAÚDE). Atua com Atenção Primária à Saúde, Cuidar em Enfermagem, Gestão de Programas e Serviços de Saúde, Tecnologias em Saúde e Educação em Saúde. É líder do Grupo de Estudos em Avaliação de Programas e Serviços de Saúde, com ênfase na Atenção Primária à Saúde (UEMA). Membro do Núcleo de Estudos em Microbiologia e Parasitologia (UFPI) e consultora em Saúde pela Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein (SBIBAE).



Antonio Rosa de Sousa Neto

Graduação e mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Estudos em Microbiologia e Parasitologia. Experiência na área de Enfermagem, com foco em Processo de Cuidar em Saúde e Enfermagem e Políticas e Práticas Socioeducativas em Enfermagem. Atua em temas de prevenção e controle de infecções em serviços de saúde, educação em saúde, biossegurança e saúde pública. É professor substituto na UEMA).